

# IMAGEM E WEB 2.0: ALGUMAS REDES SÓCIO-CONCEPTUAIS MEDIADORAS DA WIKIPÉDIA

Pedro de Andrade<sup>1</sup>

A imagem, se sofreu uma transmutação notável com o advento do computador e da Internet, recebe actualmente um estatuto nunca dantes visto através do discurso operado pelos dispositivos discursivos da Web 2.0. Por um lado, a imagem transmuta-se por obra de novos meios digitais de acesso colaborativo e de partilha de conteúdos, e em particular através do *social software*. Por outro lado, a imagem é pesquisada, comparada, catalogada, comentada, analisada, interpretada, indexada e partilhada por meio do *social bookmarking* e das suas unidades de linguagem, as *tags* (palavras-chave menos ou mais abstractas). Uma tal actividade colaborativa frenética do novo utilizador-autor que subjaz à Web 2.0, é visível em muitos blogues, na Wikipédia, no Del-icio-us, no Flickr, no YouTube, no Second Life, etc. Neste *paper*, referiremos apenas o que se passa na Wikipédia, relativamente à rede sócio-conceptual mediadora da ‘Imagem’, que remete para os campos semânticos dos conceitos a ela mais intimamente associados na Wikipédia, como ‘Art’, ‘Optics’, ‘Imaging’, ‘Photography’, ‘Image Search’, ‘Digital Imaging’ e ‘Computer Image Analysis’. Afinal, este pensamento sobre a imagem traduz a imagem reticular de um singular pensamento aracnídeo, circulante, mas não circular, observável na Web 2.0, através dos seus dispositivos discursivos. Em suma, tais meios do discurso constroem um saber em linha, circunscrito através das definições em linha e das transcotomias sociais, mobilizadas pelo utilizador-autor que realiza, quotidianamente, o efeito Pessoa, ou seja, um conjunto plural de personalidades virtuais.

## 1. Introdução: a imagem da imagem nos diversos saberes

A imagem tem sido analisada, nas últimas décadas, a partir de múltiplas teorias e metodologias filosóficas, científicas, tecnológicas ou artísticas. Cada uma delas propõe uma imagem social e cultural quanto à natu-

<sup>1</sup>Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens (CECL/UNL) pjoandrade@gmail.com

reza e ao papel dos objectos ou eventos icónicos. Darei apenas alguns breves exemplos marcantes.

Nas suas análises sobre o Barroco e o Surrealismo, Walter Benjamin procura alinhar a imagem, cuja base é o *eidos*, ou forma visível, com o corpo, cujo mundo é a natureza ou *physis*. Seguindo este desiderato teórico, E.D. Yeats (1993: 261) pretende “...examinar a relação entre a imagem e o corpo (...) na famosa sequência de abertura de *Un Chien Andalou*, e considerar os factores técnicos e políticos que condicionam essa relação.”

Noutra dessas perspectivas, em termos da retórica visual da comunicação, Frédérique Calcagno-Tristant (2003: 356) analisou recentemente um conjunto de imagens de capas dos programas de 3 encontros científicos, a partir do conceito ‘contaminação’, explicando assim o seu método: “(...) se três processos (hibridação, espectacularização e mediatização) constroem a figura retórica da contaminação que será o meu guia hermenêutico, devo estabelecer agora o acto de enunciação realizado pelas 3 capas. Ele é, sobretudo, um acto de persuasão.”

Por seu turno, Lev Manovich (2006: 27), ao interpretar a trilogia cinematográfica *The Matrix*, confere um estatuto central às imagens híbridas. Diz-nos ele que, nestas obras, a hibridação resulta da combinatória de 2 entidades em aparência ontologicamente opostas: a gravação da acção real e a animação digital em 3-D. E o autor conclui: “Sugiro que os híbridos da imagem deverão jogar um papel mais amplo na cultura visual futura, enquanto que o lugar das imagens ‘puras’, que não se encontram fundidas ou misturadas com nada, tenderá a diminuir”.

Numa postura mais antropológica, a comunicação visual é entendida por Massimo Canevacci (1992:95) em termos da associação estreita entre a acumulação das imagens na cultura Brasileira e o sincretismo cultural realizado nesse País, que Gilberto Freyre e Roger Bastide mencionam extensivamente. A comunicação visual passa-se, assim, na articulação e na fusão de diferentes constelações de imagens, oriundas de múltiplas tradições sócio-culturais locais.

Noutra arena comunicativa, a imagem de um destino turístico é essencial para a sua escolha como local de lazer ou de férias. V. Andersen e outros (1997) analisam esta problemática questionando a imagem da Dinamarca, expressa em exposições de artes plásticas e interpretada pelos respectivos visitantes, num País de potenciais turistas, como a Escócia.

Quanto aos sistemas de armazenamento e pesquisa da informação, as bases de dados de imagens (IDBs) ainda não consideraram suficientemente os modos de percepção e de interpretação imagética por parte dos seus utilizadores finais, segundo Bryan Burford e os seus colaboradores (2003:123). Estes autores propõem “(...) uma taxonomia [da imagem] que

permitirá que as descrições efectuadas pelos utilizadores sejam mapeadas, tendo em vista soluções de design de interfaces”, a serem aplicadas nessas bases de dados icónicas.

## 2. Os dispositivos discursivos da Web 2.0

Fundando-nos nestas e noutras perspectivas teórico-analíticas tão diversas, mas onde as dimensões tecnológica ou digital afloram, directa ou indirectamente, iremos agora considerar a situação da imagem no contexto da chamada Web 2.0.

Foi sobejamente assinalado que a imagem sofreu uma transmutação profunda com o advento do computador e da Internet. Contudo, se bem que igualmente notável, tem sido menos notório ou constatado, o facto de que a imagem recebe actualmente um estatuto nunca dantes visto, através daquilo que se poderia nomear os *dispositivos discursivos da Web 2.0*.

Um primeiro instrumento discursivo da Web 2.0 é o software social (ou *social software*). Trata-se, como se sabe, de um software disponível para qualquer utilizador em certos sítios da rede, como o Google, muitas vezes gratuito, que o infonauta manipula sem necessidade de o instalar no seu computador. Esta partilha de software, por meio de um acesso colaborativo entre vários infonautas, permite, por sua vez, uma melhor partilha de conteúdos. Por exemplo, no caso de uma imagem artística enviada para uma destinação desta índole, ela já não é necessariamente criada e fruída por um indivíduo apenas ou por poucos, mas pode ser gerada e gerida por uma comunidade de artistas e pelo seu público.

Um segundo utensílio do discurso da Web 2.0 é o *social bookmarking*. Este dispositivo digital, antes de mais, usa as *tags*, ou palavras-chave, menos ou mais abstractas, bem como comentários ou notas adicionais, para caracterizar os assuntos principais de um texto ou imagem em linha, ou para exprimir uma dada opinião sobre temas em discussão colectiva. Através deste meio, o texto ou a imagem, ou outros media circulantes na Internet, podem ser reapropriados pelo utilizador, de um modo ainda mais profundo. Aqui, já não acontece apenas uma troca de conteúdos feitos por outrem, produzidos em segunda mão, mas uma manipulação virtual original, operada em primeira mão, a nível global, por vários utilizadores locais. Em particular, uma imagem pode ser pesquisada, comparada, catalogada, comentada, analisada, interpretada, indexada e partilhada.

Uma tal actividade colaborativa frenética, veiculada por estes e outros dispositivos discursivos da Web 2.0, ocasiona alguma descentralização do saber e, sobretudo, uma disseminação da autoria do saber. Assim sendo,

o utilizador-actor da rede transmuta-se no *utilizador-autor*. Este novo estatuto do infonauta torna-se menos ou mais visível em muitos blogues, na Wikipédia, no Del-icio-us, no Flickr, no YouTube, no Second Life, para apenas nomear alguns lugares, ou não-lugares de passagem, típicos da Web 2.0.

### 3. O saber em linha nas redes sócio-conceptuais.

Em seguida, gostaria de discorrer sumariamente sobre as *redes sócio-conceptuais mediadoras* que organizam o saber produzido, mas também reproduzido, através dos dispositivos *discursivos da Web 2.0*, acima referidos.

Por um lado, e quanto à imagem em si, a Web 2.0 não alberga somente imagens planas em 2-D ou imagens volumétricas em 3-D. Encontra-se na Web 2.0 um novo modo imagético emergente, a *imagem reticular*. A imagem reticular não se desvela apenas como uma imagem colocada *na* rede, mas igualmente enquanto imagem *em* rede. Ou seja, ela não se encontra necessariamente localizada num só sítio do ciberespaço e no cibertempo actuais, mas muitas vezes aparece disseminada ou dissimulada por vários nós da Internet. Daí que a imagem reticular proponha um *pensamento arcnídeo*, circulante, mas não circular, que por seu turno também a forja.

No entanto, uma tal natureza em rede da imagem não deriva apenas da sua forma interna, ou da estrutura da rede. Para além disso, é preciso pensar a imagem em termos sociais mais abrangentes, no quadro de uma Sociologia da Internet que propusémos no Congresso Português de Sociologia de 1996. Por exemplo, existem *imagens sociais da imagem*, como referimos acima, que também se tecem através dos dispositivos discursivos da Web 2.0, como o *social software* e o *social bookmarking*. Vimos que o *social software* permite a construção de um saber partilhado e colectivo. E, por meio do *social bookmarking*, não existe um único autor, mas vários, em particular o utilizador-autor.

Estes dois meios comunicativos dos discursos introduzem uma nova organização do *saber em linha*, que delimitaria em 3 hipóteses:

Hipótese 1: o *saber em linha* destaca as conexões, para além dos nós (e não em vez deles). Assim fazendo, demarca-se tanto do conhecimento da modernidade quanto da postura pós-moderna. O saber moderno privilegia um sujeito centralizado que utiliza objectos instrumentais e a sua natureza é mais conceptual que relacional. Por seu turno, o saber pós-moderno incide mais profundamente sobre as relações, os sujeitos dispersos e os objectos em competição com os seres animados. Diferente-

mente destas duas posições, o saber em linha procura conciliar esses 2 modos do conhecimento, através de *conceitos mediadores*, reconstruídos em *redes de intermediação sócio-conceptual*. Note-se que a mediação que estas redes operam, passa-se em 3 planos: como redes de conexão das práticas sociais entre si; enquanto redes de ligação das diversas discursividades ou conceitos entre si; e como redes de articulação entre, de um lado, o nível das acções e, de outro lado, o nível conceptual.

Assim sendo, deparamo-nos, na Web 2.0, com uma espécie de inteligência colectiva, conceito sublinhado por Pierre Levy (1994). De facto, parece que o modo hermenêutico deste saber em linha, operante na Web 2.0, é promovido por um actor-rede, segundo a perspectiva teórica de Bruno Latour. Para um esclarecimento crítico da teoria do actor-rede, ver a oportuna delimitação que José Neves efectua desta corrente, no nº 2 da revista *Configurações*.

Hipótese 2: em particular, as *definições em linha*, presentes na Web 2.0, por exemplo na enciclopédia digital Wikipédia, intensificam o papel do *definiens* em detrimento do *definiendum*. O *definiendum* é aquilo que se quer definir, o termo desconhecido e normalmente mais abstracto, situado, em princípio, na primeira parte da enunciação de uma definição. O *definiens* inclui os termos que procuram circunscrever, delimitar ou definir uma ideia, na segunda parte da definição, extraídos da linguagem comum, mais concreta e familiar. Sabemos que as definições de qualquer termo da Wikipédia podem ser propostos por qualquer utilizador da Internet, a partir da sua experiência dos mundos da vida quotidianos e do seu saber ordinário, embora sujeitas à arbitragem de qualquer outro visitante, este último trabalhando enquanto *referee comum*. Deste modo, na Web 2.0 não interessa tanto o conceito cristalizado e solene do *definiendum*, mas os termos em transformação constante materializados no *definiens*, que propõem definições provisórias, definições-palimpsestos, reescritas continuamente por toda a gente, em todos os lugares e a todo o momento.

Hipótese 3: finalmente, as dicotomias que organizaram, durante os últimos 2 séculos, o discurso da modernidade, são reconstruídas, hoje, por diversos modos de *escrita e de leitura sociais*, expressos nomeadamente em *transcotomias*. As *transcotomias* são estruturas sócio-conceptuais que não obedecem apenas aos princípios aristotélicos e cartesianos da lógica analítica, fundada em dicotomias mutuamente exclusivas; nem só consideram os ditames da lógica analógica, baseada em comparações insuficientes; nem unicamente integram as regras da lógica dialéctica de Heráclito, Hegel e Marx, ou da dialéctica negativa de Adorno, etc. Para além disso, as *transcotomias* operam uma articulação de diversificadas lógicas do pensamento, investindo igualmente nas lógicas booleanas, nas lógicas

*fuzzy* da Inteligência Artificial, etc. Noutro artigo, publicado na Revista Comunicação e Linguagens (2007), procuro pormenorizar esta questão do debate e do embate entre os diferentes tipos de lógicas, que são, antes de mais, sócio-lógicas (Andrade, RCL, no prelo).

Por agora, eis alguns tipos de transcotomias mais salientes:

- (a) as *pluricotomias sociais*: são estruturas sócio-conceptuais que utilizam não só 2 pólos conceptuais opostos, como as dicotomias, mas 3 ou mais. A tríade, definida por Georg Simmel, ou seja, o grupo social subjacente à família triangular moderna, é um exemplo disso mesmo. Mas existem outras tricotomias no ciberespaço e no ciber-tempo actuais. No caso da Web 2.0 e no plano das práticas, o software social esbate a oposição dicotómica, antes muito manifesta, entre o produtor e o utilizador de conteúdos, no seio das redes de informação e do conhecimento. Por seu lado, no plano do discurso, o *social bookmarking* usa termos, nas *tags*, que não são necessariamente opostos entre si, mas encontram-se organizados em *redes sócio-conceptuais mediadoras*, que manifestam relações hierárquicas, sinonímicas, associativas, ou outras.
- (b) as *hibricotomias sociais*: trata-se de configurações sócio-conceptuais que misturam duas formas da natureza, como o animado e o inanimado. Na Web 2.0, estas maneiras de agir, de pensar e de imagem-nar revelam-se muito nítidas em mundos virtuais como o Second Life. Aí, o corpo real, físico, não se entende nem funciona sem o seu *avatar*, ou agente social virtual em rede, ambos edificando uma personalidade híbrida do utilizador da Web 2.0. Com efeito, qualquer um de nós pode ter não só um duplo, um sósia, ou um alter-ego, mas vários, o que permite actuar e pensar o mundo para além do reducionismo dicotómico. Afinal, neste contexto de 3-D colaborativo, já não se sabe quem é o sujeito de quê, nem o que é o objecto de quem. Dito de outro modo, trata-se de uma manifestação recente do *efeito Pessoa*, isto é, um efeito discursivo em que o utilizador pode construir várias personalidades em linha, na Internet. Na primeira geração da web, este efeito Pessoa manifestava-se através da autoria de várias moradas de correio electrónico. Agora, na Web 2.0, os *avatars* do Second Life ou outros, permitem a construção de uma personalidade hibricotómica.
- (c) as *fuzzycotomias sociais*. A lógica *fuzzy* foi desenvolvida no seio da Inteligência Artificial, para responder a problemas contendo mais do que uma solução possível, sem as limitações da lógica binária, baseada nas duas posições essenciais on/off (ou ligação-desligação),

que subjazia aos primeiros computadores. Por outras palavras, a lógica *fuzzy*, ao deparar-se com uma questão, introduz diversos graus de variância nas suas respostas.

Entretanto, num plano sócio-cultural amplo, a postura *fuzzy* usa variações relativas, no momento de réplica a determinadas situações de natureza plural, por exemplo na escolha de um caminho numa encruzilhada de estrada. Uma tal estratégia pode originar um pensamento das imagens, ou imagens do pensamento, que se regem nomeadamente pelas leis sociais do acaso, ou por decisões nem sempre unívocas ou claramente definidas. Na Internet e, em particular, na Web 2.0, as ocasiões de aleatoriedade e de escolha ocasional mostram-se inúmeras e incomensuráveis, na medida em que as relações sócio-culturais quotidianas possíveis, se encontram aí multiplicadas até ao infinito pelos inúmeros nós da rede. Por exemplo, uma imagem de um vídeo do You Tube pode constituir um *post* de um blogue, e suscitar comentários completamente aleatórios, segundo cada segmento de utilizadores visitantes desse blogue nesse momento.

Em suma, o saber social não é tanto um saber sobre a sociedade, mas um saber tecido sob o tecido social normalizado, e em especial um saber construído, desconstruído e reconstruído nas redes sócio-conceptuais mediadoras, discutidas acima. Daí que a sociedade e a sociologia se confundam cada vez mais. Afinal, na Web 2.0, todos somos, e por pouco que o sejamos, *lay-scientists*. Isto é, cientistas ordinários produtores de conceitos vulgares. Na verdade, muitos de nós, mesmo sem o diploma de qualquer Ciência Dura, Social, Humana ou Pós-Humana, analisamos a comunicação e a sociedade enquanto *lay-sociologists*, ou sociólogos comuns, precisamente no lugar em que utilizamos o *social software*, ou no momento em que definimos tags, no quadro do *social bookmarking* ou de outros dispositivos de construção reticular do conhecimento.

#### 4. O discurso da Wikipédia sobre a imagem

A Wikipédia, ao falar sobre a imagem, inaugura uma singulares *redes mediadoras* do social, que utilizam diversos *conceitos mediadores*. Iremos traçar os contornos de algumas dessas redes sócio-conceptuais interdiárias, baseando-nos na análise de conteúdo do texto de uma página da Wikipédia, intitulada ‘Imagem’ (cf. a Figura 1).

### 4.1. As redes mediadoras sócio-conceituais do conceito ‘Image’

Aplicamos então sumariamente, a este material empírico do nosso *corpus*, as hipóteses acima enunciadas.



Figura 1: a página ‘Image’ da Wikipédia (extracto)

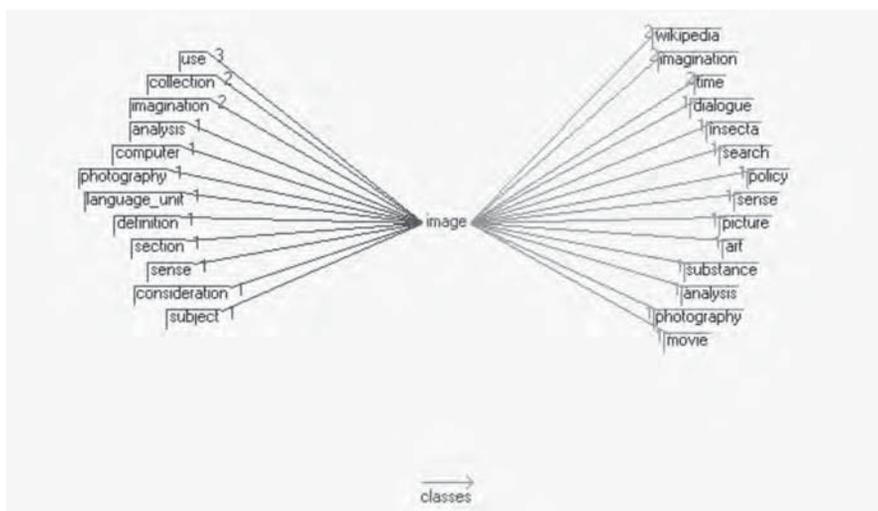
A hipótese 1 dizia que o *saber em linha* destaca as conexões, para além dos nós. Ora, nas páginas da enciclopédia em linha Wikipédia, a densidade de conexões apresenta-se evidente, como se constata na Fig. 1 (ver as *links* a azul). Aliás, estas ligações mostram-se mais intensas do que em muitos sítios da WWW, produzidos e difundidos nos seus primeiros anos.

Hipótese 2: as *definições em linha*, presentes na Wikipédia, intensificam o papel do *definiens* em detrimento do *definiendum*. Para demonstrar parcialmente esta conjectura, repare-se, na Fig. 1, na secção que clarifica o conceito ‘imagem’, ou *definiens* (ver a seta). Nesta área, lê-se uma sugestão dada por um visitante anónimo, para discutir o sentido desse termo,

ou para adicionar mais referências bibliográficas, a fim de melhor situar o conteúdo do definiendum.

Hipótese 3: as dicotomias da modernidade, são reconstruídas, hoje, por diversos modos de *escrita e de leitura sociais*, expressos nomeadamente em *transcotomias*.

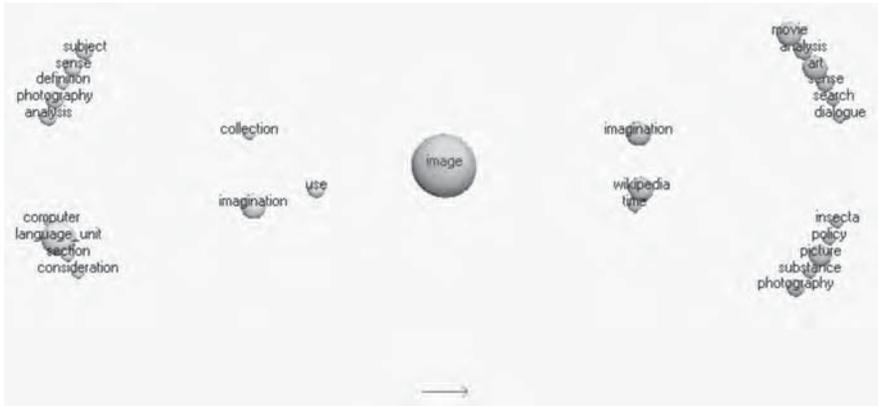
Esta hipótese pode ser verificada a partir de uma outra análise de conteúdo, que permite a construção de redes sócio-conceptuais exprimindo as relações entre os termos mais significativos da página ‘Imagem’. A Fig. 2 mostra uma rede sócio-conceptual desse tipo, que organiza os principais conceitos relacionados com o termo principal ‘Imagem’, em todas as frases do texto desta *Web Page*. Uma dicotomia nunca poderia exprimir a variedade destas conexões transcotómicas. Em cada frase, alguns conceitos antecedem e outros sucedem-se à palavra ‘Imagem’. Os termos antecedentes mais frequentes no *corpus* são ‘uso’ (3 ocorrências), ‘colecção’ e ‘imaginação’ (2 casos para cada uma destas palavras). Os conceitos subsequentes mais comuns são ‘wikipédia’, ‘imaginação’ e ‘tempo’.



**Figura 2:** rede sócio-conceptual do conceito ‘Imagem’

Por seu lado, a Figura 3 apresenta os mesmos resultados num gráfico onde os termos mais frequentemente associados no texto são mostrados mais próximos uns dos outros.

Enquanto ilustração do conceito ‘colecção’, cf. a seguinte frase, retirada do final do texto da página, que afirma: “Uma colecção de imagens não-voláteis fornecendo uma imagem mutante no tempo constitui um filme ou uma imagem animada” (“A collection of nonvolatile *images* providing an image changing with time is a film or motion picture.”)



**Figura 3:** Plurocotomia de conceitos antecedentes e consequentes do termo central ‘Imagem’

Como exemplo de conexão pluricotômica, confira-se o caso da relação entre os conceitos ‘imagem’ e ‘imaginação’. Este último toma a dupla posição de termo antecedente e subsequente ao vocábulo ‘imagem’, no conjunto das frases do texto. Portanto, nunca se reduz a uma relação puramente dicotômica, nem unicamente a qualquer outro tipo de relação. Por exemplo, a imagem icónica não se mostra necessariamente oposta à imagem sonora, no quadro das imagens imaginadas ou mentais que Freud assinala deste modo, afirmando que sonhou com puras imagens aurais de diálogos: (“(...) Sigmund Freud claimed to have dreamt purely in *aural-images* of dialogues.”)

Para além disso, numa sugestão proposta por um visitante, é patente na ligação entre ‘imagem’ e ‘Wikipédia’, através desta frase (ver a zona dos comentários, na parte superior da página). “Para a política da imagem na Wikipédia, ver Wikipedia: *Images*.” (“For *image* policy on Wikipedia, see Wikipedia: *Images*.”).

Finalmente, a Fig. 4 destaca os principais conceitos ordenados sequencialmente, exprimindo os termos centrais da retórica argumentativa desta página da Web 2.0.



**Figura 4:** estratégia retórica da página ‘Imagem’

## 5. Conclusão

A partir da página ‘Imagem’ da Wikipédia, analisada supra, observá-mos ainda as páginas nelas referidas por meio de *hyperlinks*. Tais ligações remetem para conceitos associados ao assunto ‘Imagem’, nas áreas artística, científica e tecnológica, como ‘Arte’, ‘Óptica’, ‘Fotografia’, ‘Pesquisa de imagem’, ou ‘Análise da imagem digital’.

Em cada um desses campos semânticos, é possível construir redes sócio-conceptuais mediadoras, onde o saber em linha se tece não só através das definições em linha, mas igualmente por meio de transcotomias, nas suas figuras da pluricotomia, hibricotomia e fuzzycotomia, ou no seio de outras relações sócio-conceptuais nunca dantes vistas.

### Bibliografia

- Andersen, V., et al. (1997) “IMAGE: Imagery of Denmark among Visitors to Danish Fine Art Exhibitions in Scotland”, *Tourism Management*, vol. 18 (7), Nov. 1997, pp. 453-64.
- Andrade, P. (2007) “O Alfabeto de Relações Universais (ARU)”, *Revista de Comunicação e Linguagens* (38).
- Burford, B. et al. (2003) A Taxonomy of the Image: On the Classification of Content for Image Retrieval “, *Visual Communication*, vol. 2 (2), pp. 123 - 161.
- Calcagno-Tristant, F. (2003) “Image and Science: Between Rhetoric and Ideology”, *Visual Communication*, 2 (3), pp. 355-362.
- Canevacci, M. (1992) “Image Accumulation and Cultural Syncretism “, *Theory, Culture & Society*, vol. 9, pp. 95-110.
- Lévy, P. (1994) *L'intelligence collective: pour une anthropologie du cyberspace*, Paris, La Découverte.
- Manovich, L. (2006) “Image Future”, *Animation*, vol.1 (1), pp. 25-44.
- Yeats, E.D. (1993) “Image and body: the optical alignment of Walter Benjamin and Luis Bunuel”, *Journal of European Studies*, xxiii, pp. 251-282.